

Tendências/Debates

Os artigos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

A dignidade do plenário

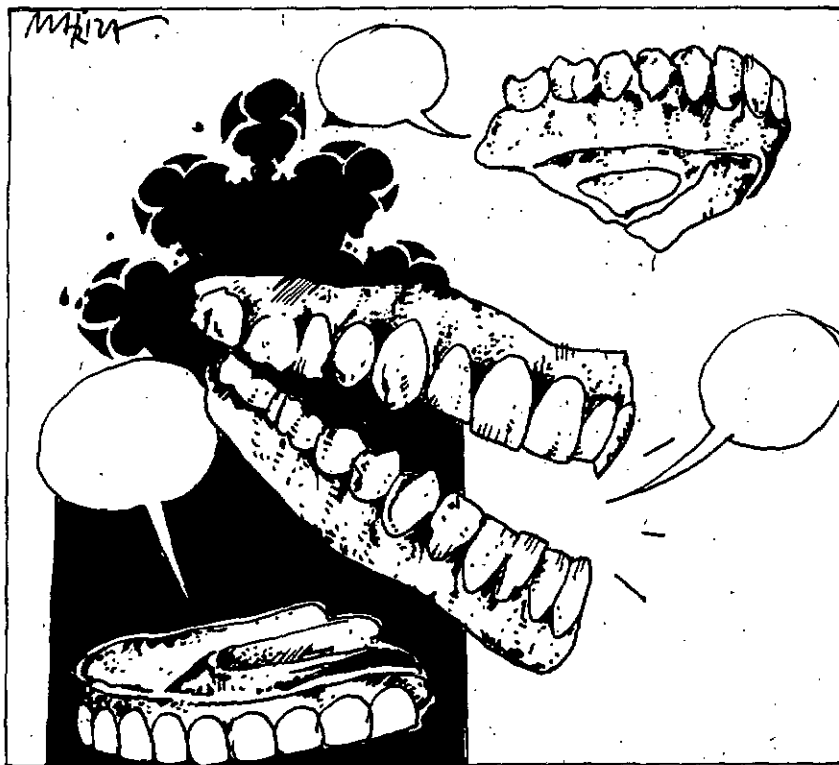
PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO

A final, o Projeto de Constituição vai ou não ser debatido no plenário da Assembléia Nacional Constituinte? A resposta a esta pergunta depende dos srs. Mário Covas e José Lourenço, ou, para ser mais preciso, das bancadas do PMDB e do PFL. Se estes partidos concordarem, o presidente Ulysses Guimarães convocará sessões extraordinárias, às terças, quartas e quintas-feiras, para debates com agenda previamente definida. Um dia, para debater os artigos que se referem aos direitos e garantias; outro, para os que regulamentam os poderes da República; outro, os que disciplinam a Educação, o voto distrital, a reforma agrária; e assim por diante.

Imaginando a surpresa do leitor, apresso-me em esclarecer: por incrível que pareça, hoje não é assim. Hoje, de acordo com o sistema adotado pela Mesa, o projeto inteiro está na ordem do dia e os oradores inscritos para uma sessão de debates, podem falar sobre o que bem entenderem. Assim, um fala sobre presidencialismo; outro sobre a pena de morte; um terceiro sobre a criação do Estado do Tocantins; um quarto sobre reforma agrária; e desse modo fragmentado, até o oitavo orador.

Obviamente, não há quem siga um debate de tal maneira dispersivo. Por isso, os constituintes não comparecem.

Em resumo: não está havendo debate. O que há é um espaço, no qual os taquígrafos anotam, para os anais da Casa e para a "Voz da Constituinte", as palavras de oito sucessivos monólogos. Na gíria par-



lamentar, isto se chama "pinga-fogo", —um expediente introduzido, tempos atrás, a fim de aumentar as oportunidades de uso da palavra pelos parlamentares. O "pinga-fogo" constitui uma degenerescência do trabalho parlamentar. Cresceu de importância, na ditadura, em razão do aviltamento do Legislativo. O triste é ver como a ditadura deixou marcas, porque, agora na democracia, os constituintes, em vez de restabelecerem a dignidade do de-

bate parlamentar, preferem consagrar o "pinga-fogo" como método normal de discussão dos projetos a serem votados.

Democracia é Legislativo forte e Legislativo forte é plenário cheio, denso, tenso, galeria repleta, lideranças presentes, apartes e contra-apartes, "pegas" entre expoentes de várias correntes. Os tecnocratas, os fascistas, os intelectuais que se renderam ao domínio do complexo industrial-militar, consideram esse

debate ultrapassado (e a instituição também). Preferem os acordos de gabinete, os esclarecimentos prestados pelos "lobbies", os substitutivos preparados nos gabinetes do Executivo; o "voto" de liderança; os decretos-leis; os acordos negociados atrás das cortinas e impostos na base do "rolo compressor". Para esses, o melhor é não haver debate aberto. Porque tal debate compromete. Obriga as lideranças a se definirem. Fica-se sabendo o que pensa cada partido sobre o presidencialismo; a reforma urbana, a pena de morte e outras grandes questões nacionais. Será para evitar essa discussão que está havendo tanta resistência em se adotar um método de debate lógico, racional e simples como o que se está propondo?

O tempo está passando. Dez dias do prazo previsto para o debate do projeto já foram gastos inutilmente no "pinga-fogo". Faltam apenas trinta dias para vermos se o plenário consegue ficar cheio, se o Mário Covas, o Fernando Henrique, o Lula, Marco Maciel, José Lourenço e os outros líderes de partido, se enfrentarão em debates históricos sobre os caminhos do nosso país. Como nos velhos tempos... (da democracia). Um experiente parlamentar disse-me que se trata de um prazo muito curto para vencer a "inércia" da Casa. A observação me fez pensar que é essa mesma "inércia", herdada da ditadura, que está governando, ou melhor, bloqueando o andamento da transição democrática.

PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO, 56, advogado, é deputado federal (PT-SP), 1.º vice-líder do seu partido no Congresso constituinte e professor da Fundação Getúlio Vargas (SP).